

## **[Transcript] Programa Cujo Nome Estamos Legalmente Impedidos de Dizer / Os livros da semana: Lobo Antunes, Gramsci, guerra fria e algoritmos**

Os livros da semana têm o patrocínio Renault-Etec.

Está na altura dos livros, e eu trago esta semana um calhamaço que se lê ávidamente.

É mais uma reunião de crónicas de António Lobantunos.

Creio que já é o sétimo volume de crónicas do escritor e é conhecido o quase desprezo com o que Lobantunos sempre se referiu a este género que considera menor na sua produção literária.

Ele tem que chamar-lhe à sua piscina para crianças, por contraponto, imagina-se, à piscina dos grandes, que são os romances que publicou desde a estreia em 1979 com a memória de elefante.

Evidentemente, estes textos são de outra natureza, textos que escreveu para a imprensa, mas encontramos neles o tom, a cadência e as obsessões que identificam de imediato a escrita de Lobantunos.

Esta reunião de crónicas é seguramente a última, recolhe textos de 2013 a 2019, Lobantunos depois de 2019 deixou de escrever o texto semanal que saía na revista Visão.

E o que se sente aqui é uma intensidade emocional que podemos entender como uma espécie de despedida.

Há muitas crónicas de despedida neste volume, despedida de amigos, despedida de familiares, uma das mais tocantes, despedida do irmão João Lobantunos, despedida de lugares, despedida de memórias de infância, são textos de um equilíbrio muito delicado entre um tom declaradamente confessional e os pregos do sentimentalismo, pregos evitados por Lobantunos com uma boa dose de ironia e uma notável capacidade de fintar o lugar comum.

As outras crónicas de António Lobantunos, prefácio de Daniel Sampaio e edição de Don Quichote.

O João Miguel Tavares traz também um calhamaço com uma evocação do período da Guerra Fria.

Exatamente.

E quer começar por declarar que o meu calhamaço é maior do que o do Carlos Vaz Marcos.

Este calhamaço tem 1.100 páginas, notas incluídas é da autoria de Luis Menet, ele é um académico americano mas é daqueles académicos que também escreve Pânico Yorker, portanto, que sabe bem domina as técnicas de jornalismo e do histórico e tal, e o que faz deste livro particularmente interessante.

Ele já tinha ensaiado num livro anterior chamado da Metaphysical Club uma história intelectual e cultural da América entre o final da Guerra Civil americana e o início da Primeira Guerra Mundial e esta é uma história cultural intelectual entre o final da Segunda Guerra Mundial e a Guerra do Vietnam.

E ele mistura tudo, portanto, embora o calhamaço seja bastante impressionante destas suas 1.100 páginas, ele na verdade é feito de pequenas histórias, de pequenas biografias e portanto há aqui um pouco tudo a George Orwell e a Elvis Presley e ao Bonnie and Clyde e portanto o filme e portanto tudo se cruza à economia, com a política, com a filosofia, com o cinema, com a música e é realmente uma obra fascinante e bastante imponente e nunca aborrecida apesar das suas 1.100 páginas e é uma edição de El Sinor.

O Pedro Mexia sugeriu umas memórias do cárcer mas não hoje de Camilo.

Não, não são os cadernos do cárcer do Gramsci, um jornalista, filósofo, teórico,

## [Transcript] Programa Cujo Nome Estamos Legalmente Impedidos de Dizer / Os livros da semana: Lobo Antunes, Gramsci, guerra fria e algoritmos

deputado, ativista, marxista, fundador do Partido Comunista Italiano e que passou os últimos 10 anos da sua vida, um bocadinho jovem, porque eu passei os últimos anos da minha vida preso durante o fascismo e escrevi 3.000 páginas de testes e de fragmentos sobre a que a condição operária, as classes subalternas, como ele dizia, que são as jornalistas em Itália, a eleição carrega católica e a filosofia da história e este é o primeiro, é o primeiro volume dessa, de uma, penso que será uma antologia, dessas 3.000 páginas que acabou de sair e é um autor que tem duas características muito interessantes, que é, sendo um marxista absolutamente fundador, é também de certa forma um marxista crítico, que estava, passou muito tempo, já sem responsabilidades políticas diretas e portanto tinha uma espécie de latitude que o fazia fugir à linha justa e em segundo lugar é um dos autores de esquerda mais eruditos à direita, porque causa do seu conceito de hegemonia cultural e da maneira como se vencem as batalhas políticas através da batalha cultural, às vezes lido por pessoas que não haviam lido livros, mas isso é outra coisa.

O Ricardo Raul Espreira recomenda um livro sobre o elemento mais discreto mas decisivo da tecnologia que estamos a viver.

Exatamente, são as duas, as duas coisas importantes, discreto e decisivo, é um daqueles livrinhos da Fundação Francisco de Sá e Mota, chama-se Algoritmos, do Diogo Carrose de Andrade e é sobre isso, sobre esse bicho, esse bicho invisível, homem e presente, que está em muito mais próximo do que a gente imagina, que se chama Algoritmos, sabe muito, sabe muito de nós, a questão é como é que, é o que o livro fala disso, como é que ele funciona, como é que condiciona, é mais uma manifestação de que a ficção científica deixou a desejar, porque tal como o laser, os filmes de ficção científica do século XX propunham que no século XXI nós iríamos disparar o laser contra seres extraterrestres que nos queriam capturar e a gente chega ao século XX e verifica que o laser é disparado pelos olhos, é o laser, de facto, mas o nosso inimigo e o inimigo é irritante, é irritante e é um inimigo persistente.

Neste caso, também se comprova que no exterminador implacável aquela ideia de que as máquinas vêm, as máquinas no futuro vão dominar, dominar a nossa espécie violentamente, desmentem-se, é uma coisa, é um domínio muito discreto, não é das máquinas, pelo menos até agora não é das máquinas, é de meia dúzia de pessoas, há serviço das quais as máquinas estão, mas é muito insidioso.

Ficam os algoritmos de Diogo Queiroz de Andrade e é um livro da Fundação Francisco de Sá e Mota e assim se conclui mais uma reunião semanal, dois ou oito dias à mesma hora, os mesmos de sempre, também em podcast, a qualquer hora e a qualquer dia da semana, Pedro Mexias, João Miguel Tavares e Ricardo Braus Pereira.

Os livros da semana tenham patrocínio no Etec.